



O GIGANTE ACORDOU: O BEHEMOTH BRASILEIRO ¹

Camilla MACHUY²; Marco SCHNEIDER³

¹ GT7- Estudos Críticos em Ciência da Informação

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCI – IBICT/UFRJ), professora do Centro Universitário UniCarioca, camillamachuy@gmail.com.

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil. Pesquisador adjunto do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Brasil. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do convênio Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro, e no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense, Brasil. E-mail: art68@gmail.com.

RESUMO

Thomas Morus forja no século XVI o termo *utopia* (não lugar), título que dá ao livro sobre uma ilha de organização social exemplar. A descrição dos costumes e leis da ilha fictícia tece por contraste a crítica à Inglaterra histórica do seu tempo. No século XIX, Stuart Mill cunha o termo *distopia*, significando o oposto de *utopia*. Entre Morus e Mill, no século XVII, Thomas Hobbes fez alusão ao monstro bíblico *Leviatã* para demonstrar a necessidade da figura soberana do Estado para coibir a natureza humana que, na visão dele, seria uma guerra de todos contra todos. Em outro livro de sua autoria cujo título referencia uma criatura bíblica, *Behemoth* narra o descontentamento com os eventos revolucionários da guerra civil britânica entre 1640 e 1660. Se *Utopia* e *Leviatã* narram uma representação de um sistema político ideal, *Behemoth* trata do autoritarismo por parte de um governo abusivo. Não por acaso, o cientista político alemão Franz Neumann também usou a figura de *Behemoth* para desvelar a estrutura do partido nazista na Alemanha entre Guerras.

A partir dessas figuras, o objetivo desse trabalho é refletir sobre as estratégias infocomunicacionais da extrema direita brasileira contemporânea. Para isso, busca-se traçar semelhanças entre os posicionamentos ideológicos sedimentados no *Orvil* - um livro que nasceu dentro das Forças Armadas brasileiras para tentar justificar a instauração do golpe militar de 1964 – e outras manifestações recentes da ultradireita, como por exemplo a produtora de vídeos Brasil Paralelo e o Instituto Mises Brasil. Mas para esclarecer essa corrente de influência, é fundamental considerar o pensamento de Olavo de Carvalho. É inegável que Carvalho, além de conselheiro do Planalto, representou um elo importante entre o pensamento radical das Forças Armadas durante o Regime Militar e o florescimento da nova direita no Brasil.

Uma das estratégias do grupo é o uso de teorias da conspiração para justificar ataques contra grupos políticos adversários. *Orvil*, Carvalho e Brasil Paralelo atacam violentamente, todos os grupos que consideram contrários aos seus posicionamentos ideológicos como as universidades, a classe artística e a mídia tradicional. A esses, dão o nome amorfo de “comunistas” a quem direcionam ataques desumanizantes. A estratégia – comumente utilizadas por regimes fascistas – já foi estudada por inúmeros pensadores. Destaca-se aqui o pensamento de Hannah Arendt: “Os acontecimentos políticos conspiram silenciosamente com os instrumentos totalitários inventados para tornar os homens supérfluos”. (ARENDR, 1998, p. 510).

As redes sociais são a principal plataforma para a disseminação das ideias da extrema-direita brasileira contemporânea. Rocha denuncia uma guerra cultural insuflada por uma retórica do ódio sustentadas por esse grupo ideológico e que dão o tom do governo em gestão: “a guerra cultural

bolsonarista, que se beneficia de uma técnica discursiva, a retórica do ódio, ensinada nas últimas décadas por Olavo de Carvalho, conduzirá o país ao caos social, à paralisia da administração pública e ao déficit cognitivo definidor do analfabetismo ideológico. (ROCHA, 2021. p. 17).

Esta apresentação sintetiza pesquisa de doutorado em curso, que busca entender a lógica interna e as estratégias infocomunicacionais da extrema direita brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDRT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003

MORUS, Thomas. **Utopia**. L&PM Pocket, 1997.

NEUMANN, Franz. **Behemoth: The Structure and Practice of National Socialism**. Chicago: Ivan R. Dee, 2009.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. 1ª ed. Caminhos. 2021.

WIKIPEDIA. **Distopia**. https://pt.wikipedia.org/wiki/Distopia#cite_ref-Mill_6-0